

**JNT - FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL ISSN: 2526-4281 - QUALIS B1**



**O SOFRIMENTO DO POVO A'UWE-
XAVANTE NA PANDEMIA DA COVID-19**

**THE SUFFERING OF THE A'UWE-
XAVANTE PEOPLE IN THE COVID-19
PANDEMIC**

Dorany Mendes ROSA

Universidade Federal do Goiás (UFG)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5896-8899>

E-mail: Doranymendes@gmail.com

Amone Inacia ALVES

Universidade Federal do Goiás (UFG)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3131-6230>

E-mail: amoneinacia@gmail.com



RESUMO

Esse artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, cujo objetivo foi mensurar as publicações sobre educação indígena do período de 2020-2022, aproximando a discussão para a temática em questão. Nesse texto, buscamos compreender sobre o sofrimento causado ao povo originário indígenas Xavante durante o ano de 2020 em decorrência da pandemia da COVID-19 pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Encarada como um dos maiores desafios sanitários do século e com proporções globais, com alta disseminação e severa mortalidade principalmente às populações mais vulneráveis. É a partir de conceitos como o sofrimento na perspectiva da psicanálise, vulnerabilidade no âmbito da saúde, que o presente artigo se posiciona. Nosso lugar de fala é de não indígena, inseridas num contexto universitário de convívio constante com indígenas, mais especificamente indígenas Xavante e seus familiares. As incertezas sobre o vírus, associada às restrições de mobilidade, e a falta de proximidade afetiva, pôde levar a população a um sofrimento nunca antes experimentado neste século. Os indígenas foram acometidos pelo vírus de forma brutal, sem recursos para recorrer à saúde de qualidade, tomados por medos, numa condição de descaso e desmonte dos órgãos oficiais, além de conflitos por territorialidade, devido a sua diversidade fundiária e a luta por reconhecimento de suas terras. Discutimos quais as tensões desta situação social e que reflexões podem ser feitas em defesa da preservação destes povos, de sua cultura, ancestralidade, territórios e vida.

Palavras-chave: Indígenas. Pandemia. Sofrimento.

ABSTRACT

This article is the result of a scientific initiation research, whose objective was to measure the publications on indigenous education in the period 2020-2022, bringing the discussion closer to the theme in question. In this text, we seek to understand we seek to understand the suffering caused to the Xavante indigenous people during the 2020 year due to the COVID-19 pandemic, caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2). Marked as one of the greatest health challenges of the century and with global proportions, with high dissemination and severe mortality, especially to the most vulnerable populations. It is based on concepts such as suffering from the perspective of psychoanalysis, vulnerability in the field of health, that this article was conceived. Our place of speech is non-indigenous, inserted in a university context of constant contact with

indigenous people, more specifically Xavante indigenous people and their families. The uncertainties about the virus, associated with mobility restrictions, and the lack of social interaction and affection display, could lead the population to a suffering never experienced before in this century. The indigenous people were hit by the virus in a brutal way, without resources to seek a high-quality health system, taken by fears, in a condition of neglect and dismantling of existing government agencies for their protection, in addition to conflicts over territoriality, due to their land diversity and the struggle for recognition of their lands. We discuss what are the tensions of this social situation and what reflections can be build in defense of the preservation of these people, their culture, ancestry, territories and life.

Keywords: Indigenous people. Pandemic. Suffering.

INTRODUÇÃO

No presente artigo gostaríamos de apontar questões que foram acentuadas e agravadas no ano de 2020 quando anunciada a pandemia que acometia o mundo, causada pelo vírus Sars-CoV-2, gerando maior sofrimento aos povos originários do Brasil, e refletir sobre o descaso inominado causado a estas comunidades indígenas. Entretanto, não há aqui a intenção nem recursos para diagnosticar o que se passou com os povos indígenas do Brasil, alvo de carências econômicas, ausência de políticas públicas, além da vivência em sofrimento visto que “[...] a globalização do capital gerou também uma globalização das maneiras de sofrer” (DUNKER, 2015, p. 18) e este fenômeno seria impossível. Trata-se de uma pesquisa documental, com o uso de artigos jornalísticos, e bibliográfica, utilizando-se do aporte teórico da psicanálise para descrever sofrimento.

Mas é importante ressaltar que os diagnósticos clínicos, usualmente, se fundam no campo patológico, entretanto num ano onde o governo que serviu unicamente a lógica do capital, com base no uso da violência, onde as forças hegemônicas provocaram tanta devastação e caos, seja nas florestas, nos territórios indígenas ou com as populações vulneráveis, também é causa e motivo de sofrimento visto que “uma devastação ambiental ou uma política econômica suicida podem ser injustas, viciosas ou ineficientes”, e não propriamente patológicas por estarem no campo da metáfora.

Apesar da importância no diagnóstico daquilo que nos adoce enquanto indivíduos, não iremos abordar questões de nomeações clínicas, visto que não é a nossa intenção adentrar o campo da medicina nem tampouco da diagnóstica psiquiátrica, mas de apresentar uma pesquisa

teórica, fundamentada na teoria psicanalítica de Freud. Principalmente, porque a cada ano os transtornos que acometem a sociedade se multiplicam e não poderíamos classifica-los aqui com precisão clínica, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), de 1952, editado pela Associação Psiquiátrica Americana continha 182 transtornos, que equivaliam ao CID (Classificação Internacional de Doenças) editada pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Em sua edição revisada e editada de 1994 do mesmo manual o número de transtornos subiu para 297, podemos observar que em 32 anos 115 novos transtornos acusavam um aumento de 63% de novas categorias diagnósticas (DUNKER, 2015, pp. 17-18). O DSM V editado pela APA em 2013 contém mais 600 categorias de transtornos.

Neste cenário, é importante abordar que os povos indígenas apesar de terem uma cultura própria, também têm condições de adoecimento vinculado aos resultados das condições sociais, econômicas e culturais que vivemos no Brasil, local onde o caminho escolhido “é o de despolitizar o sofrimento, medicalizar o mal-estar e condominializar o sintoma”. Aqui se adota a expressão de Dunker (2015), a palavra condomínio no sentido de dizer a qual condomínio fechado pertence o sofrimento. *A lógica do Condomínio diz respeito* “[...] à transformação dos problemas relativos à saúde pública, mental e geral, em meros problemas de gestão” (p. 29). O objetivo desse texto é mostrar como a pandemia tem provocado o sofrimento psíquico nos povos indígenas, face às condições de vida e privação nesse momento.

Então, diante do exposto, cabe-nos no limite dessa escrita inquirir: como a pandemia do Covid-19 afetou os povos indígenas no Brasil? Como dimensionar o sofrimento? Como aproximar a questão indígena da psicanálise?

Para tanto, dividimos o texto em três excertos. No primeiro, mostraremos como se dá a lógica do condomínio, como pensar a expansão do sofrimento às comunidades indígenas e como este afeta as suas subjetividades. Na segunda parte, apresentaremos como a pandemia do Covid-19 adentrou os territórios, modificando os seus modos de vida. E por fim, objetivamos mostrar conceitualmente a categoria sofrimento, a partir dos estudos de Freud, com a finalidade de entendê-la como estruturante na vida daqueles povos.

A lógica do Condomínio

Como visto anteriormente, na globalização dos sofrimentos, nas quais as culturas tradicionais, sobretudo, os povos originários fazem parte, afetou a todos, trazendo além das mazelas físicas (o próprio adoecimento do Coronavírus) o medo sobre o devir e o desespero por

não compreender as dimensões dessa doença para as comunidades. Segundo Dunker (2015) é importante mudar essa lógica, pois, ao considerar o diagnóstico em psicanálise “reconstrução de uma forma de vida”, envolverá tanto a “diagnóstica do sujeito” como o que o autor chama de “transversalidade diagnóstica” entre as disciplinas clínicas (médica, psicanalítica, psiquiátrica, psicológica), a “flutuação discursiva dos efeitos diagnósticos jurídico, econômico, moral” como também sua incidência no que tange ao real das diferenças sociais (gênero, classe, sexualidade).

Logo, pensar a diagnóstica dessa maneira ampliada, com este escopo ético de racionalidade, é o mesmo que “[...] refazer os laços entre trabalho, linguagem e desejo, pensando a patologia – que se exprime no sintoma, no mal-estar e no sofrimento – como uma patologia do social” (DUNKER, 2015, p. 19).

Dunker utiliza de uma metáfora sobre o *condomínio* para explicar “[...] que o sofrimento não é apenas aquilo que se expressa na descrição categorial dos sintomas e em suas estruturas classificatórias” (DUNKER, 2015, p. 11), não é limitado, pelo contrário, está indissociável a relação entre sofrimento e sistemas sociais“. Trazemos aqui a definição de Nietzsche (1996) para metáfora que ajudará a compreender melhor esta figura de linguagem que pode ser criadora de conceitos:

[...] a “coisa em si” (tal seria justamente a verdade pura e sem consequências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio, para exprimi-las, as mais audaciosas metáforas (NIETZSCHE, 1996, p. 55).

Outro autor que faz uso de metáfora, desta vez para dizer da psiquê humana, é Bachelard, a visão restrita de sofrimento através da metáfora do *condomínio do sofrimento* de Dunker pode ser complementada pela amplitude da metáfora do espaço-casa, que Bachelard. Para o autor espaço-casa, é o lugar do primeiro mundo do homem, seria o “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD 2003, p. 28). Veiga-Neto traduz seu pensamento sobre espaço-casa em seu texto. É preciso ir aos porões. Na visão deste autor ao analisar esta obra de Bachelard, percebeu que se não tivéssemos o acolhimento da casa e as memórias da qual ela é a fonte primeira seríamos seres desenraizados, seres sem imaginação, e assim não teríamos história, tornando-nos também sem memória.

Nota-se que embora acolhidos pela casa, podemos correr o risco de alheamento, de bloqueio. Por isso a importância da ocupação de todo espaço-casa, desde o sótão ao porão, porque “se nos mantivermos confinados apenas no espaço intermediário, nesse espaço das experiências imediatas em que se desenrola o que chamamos de vida concreta e de realidade”

(VEIGA-NETO, 2012, p. 269) estaremos sujeitos a nos alienarmos enquanto sujeitos do mundo e no mundo. “Sem habitar o sótão e o porão, perderemos boa parte de nossa própria condição humana, pois, enquanto lá no sótão se dão as experiências da imaginação e da sublimação, é lá no porão que estão as raízes e a sustentação racional da própria casa” (VEIGA-NETO, 2012, p. 269).

A conexão do conceito explicitado por Dunker através da metáfora do condomínio com os conceitos de metáfora de Nietzsche e Bachelard e com a apropriação de Veiga-Neto, nos levam a refletir sobre como o sofrimento e a psique humana está carregado de subjetividades do imaginário e das experiências, não podendo ser limitados nem a um condomínio nem apenas a parte intermediária do espaço-casa, como Nietzsche aponta a metáfora está ai colocada a fim de designar e auxiliar a própria ordem metafórica dos conceitos.

A Pandemia da covid-19 nos Territórios Indígenas

Num cenário de transformação desenfreada e incertezas, onde nosso espaço-casa ficou abalado, os indígenas do nosso país foram duramente atingidos por todas as camadas destes sistemas sociais onde estão presentes as condições de sofrimento. Organizados em sua coletividade, os povos originários também vivenciavam simultaneamente a pandemia em suas terras, além de massacres, desmatamentos, grilagem, invasão de suas terras e incontáveis queimadas.

Registramos no Brasil em 2020 o maior número de queimadas no Pantanal desde 1998 segundo dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o órgão também confirma um “aumento de quase 200% em queimadas no Pantanal entre 2019 e 2020”, na Amazônia o número de queimadas na Floresta Amazônica “subiu 25% nos primeiros 10 meses de 2020” (BRASIL, 2020).

Segundo levantamento feito pelo ISA (Instituto Sócio Ambiental), entre julho e agosto de 2020, foi registrado 3.553 focos de calor em 148 Terras Indígenas ocorridos devido ao afrouxamento das políticas ambientais e aos desmontes dos órgãos fiscalizadores. 46 Terras Indígenas situadas em MT apresentaram focos de queimadas no ano de 2020, e como trataremos especificamente do sofrimento dos indígenas da comunidade Xavante, é importante lembrar que este é território onde os Xavante se localizam (APIB, 2020).

Apresentamos estes dados para ilustrar o impacto do meio ambiente em um ano marcado pela pandemia visto que o agravante da doença do coronavírus ataca diretamente o sistema respiratório. Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial de Saúde

(OMS), disse em 6 de julho de 2020 que entre os povos indígenas nas Américas já haviam contabilizados 70 mil casos de covid-19 com mais de 2 mil mortes e não estávamos nem na metade do período de pandemia do ano de 2020, "os povos indígenas costumam ter alto nível de pobreza, desemprego, desnutrição e doenças transmissíveis e não transmissíveis, tornando-os mais vulneráveis à covid-19 e seus graves resultados", disse em seu discurso o diretor da OMS (BRASIL, 2020).

Para embasar melhor o conceito de vulnerabilidade em que se enquadra a população indígena brasileira, apresentaremos seu desenvolvimento no campo da saúde pública, visto que estamos falando de sofrimento e saúde. Este surge na década de 1980-1990, pois seu estudo estava associado à história da epidemia de HIV/AIDS, quando foram realizados desenhos de intervenção norteados por enfoques da atenção integral e processos de mobilização social fundamentados nos Direitos Humanos:

Vulnerabilidade se configura em uma dinâmica de interdependências recíprocas que exprimem valores multidimensionais – biológicos, existenciais e sociais. Uma situação de vulnerabilidade restringe as capacidades relacionais de afirmação no mundo, incluídas as formas de agência social, gerando fragilização (OVIDEO; CZERESNIA, 2014).

O epidemiologista John Cassel (1974; 1976), sustentou em suas pesquisas a hipótese de que a maior suscetibilidade a doenças está ligada ao que ele chama de *Social Disorganization*, desorganização social, não sendo este um termo preciso, porém colocado como um conceito numa série de estudos onde a desorganização social ou familiar tem sido relacionada ao aumento de doenças como tuberculose, acidentes vasculares cerebrais, doenças cardíacas e outras (CASSEL, 1974).

Ou seja, a desorganização social por fatores externos causa maior vulnerabilidade. A ruptura dos vínculos afetivos é uma forma de desorganização social e foi desencadeada durante a pandemia do coronavírus. Nas comunidades indígenas levou-os, por exemplo, a buscarem os recursos de saúde na cidade, ficando absolutamente isolados de seus familiares, e da população urbana com o qual foram submetidos a convivência, visto que não compartilhavam da mesma língua. Como ocorreu no caso das mulheres Sanõma, etnia Yanomami, que foram internadas com seus bebês, infectadas por COVID-19, as mulheres não falavam a língua, os bebês morreram e ainda não se sabe o paradeiro das crianças, o processo corre na justiça acompanhado pela população com angústia e desejo de justiça e por organizações que as apoiaram (AMAZÔNIA, 2020).

O relatório “Nossa luta é pela vida”, publicado pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) apresenta dados sobre os impactos da pandemia de covid-19 entre povos indígenas no Brasil. Segundo dados do relatório, até o mês de novembro de 2020, o número de infectados pelo coronavírus contabilizava mais de 41 mil indígenas, afetando mais da metade dos 305 povos que vivem no Brasil, 880 indígenas mortos no Brasil em nove meses de pandemia. Dentre eles pajés, caciques, lideranças e a herança ancestral dos idosos das aldeias brasileiras.

A pandemia expôs o ódio e a violência contra os povos originários, “de março a novembro, foram registradas mais de 200 violações de direitos humanos fundamentais cometidas contra os povos indígenas”, em paralelo a este cenário o governo federal buscava aprovar ementas que visavam favorecer a política do agronegócio em sua política anti-indígena, negligenciando as comunidades tão afetadas pelo vírus. Pensando também na política brasileira de enfrentamento à COVID-19, há o conceito de necropolítica do pensador camaronês Achille Mbembe que em linhas gerais trata da ação deliberada do Estado no sentido de exterminar determinados grupos da sociedade, seja através da ação de matar, ou seja, pela inação ou deixar morrer. Mbembe que pensa e reflete sobre soberania e violência no processo de colonização, atribui a soberania com o objetivo de “[...] instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2018, pp.10-11).

O povo Xavante, objeto de discussão do presente artigo, segundo informações da PIB (Povos Indígenas no Brasil), somavam em 2020 cerca de 22.256, abrigados em terras indígenas ocupadas tradicionalmente por eles há pelo menos 180 anos. Segundo informações da APIB, dentre todos os povos indígenas, os Xavante é o povo mais impactado pela Covid-19, principalmente em número de mortes. Até 24 de setembro, a ação “SOS Xavante”, ação emergencial de apoio aos Xavante, contabilizava 68 mortes, sendo uma taxa de mortalidade 400% maior se comparada aos índices da população geral do Brasil (APIB, 2020).

Histórias como a de Hilário Ab Reta Awe Predzawe, indígena Xavante, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás, que tinha sonhos e lutas, foram repetidas vezes narradas ao longo da pandemia COVID19 por diversas etnias em todo território brasileiro. Um dos sonhos de Hilário era o de ser professor formado por uma instituição federal e levar conhecimento adquirido através da educação ao seu povo:

Só na aldeia Nossa Senhora de Guadalupe, dentro de São marcos, foram confirmadas nove mortes por coronavírus, de acordo com o boletim Dsei Xavante divulgado do dia 13 de julho. Entre as vítimas está Hilário Ab Reta Awe Predzawe, que morreu em 18 de junho na Unidade de Terapia Intensiva do

Hilário permanece presente não apenas neste artigo, mas nas vidas de todos os que tiveram a oportunidade de conhecê-lo e souberam de sua história de luta e resistência. São muitas famílias indígenas enlutadas! É notório que o coronavírus demanda que o isolamento do paciente seja feito respeitando todos os critérios do Ministério da Saúde e da Organização Mundial de Saúde, devido a sua alta capacidade de contágio.

Porém para os indígenas, a distância se dava não só no âmbito de aproximação dentro do hospital, pois quando se faziam necessárias as internações, seus acompanhantes permaneciam nas aldeias à quilômetros de distância, e quando buscavam notícias enfrentavam o impasse da língua, da diferença cultural, potencializando a sua condição de sofrimento.

Conceituando Sofrimento

Para Sigmund Freud, médico, neurologista e criador da psicanálise, sofrimento é algo que nos ameaça partindo de três direções, são elas: “[...] de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência;”, a direção também “[...] do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas;” e, por fim, e não menos importante, a direção de “nossos relacionamentos com os outros homens” (FREUD, 1930/1996, p. 85).

Para Dunker (2015), sofrimento tem uma estrutura de narrativa que muda conforme falamos dele, não é preciso que todas as formas de sofrimento se reduzam ao código psiquiátrico ou categoria psicanalítica. O exemplo do autor é do pai de um amigo que ao adoecer dá nome a seu mal-estar dizendo “Eu sei o que tenho. Chama-se 87 anos”, levando o autor a concluir que este autodiagnostico não pode de maneira alguma ser desprezado, pois capta as incertezas e indeterminações que cercam esta situação de sofrimento. Visto que a partir dela podem-se destrinchar o fato de que ter 87 anos significa “envelhecer, permanecer na fila de atendimento de um hospital, esperar a aprovação do tratamento por um plano de saúde”. Além de toda a preocupação futura acarretada pela condição de adoecimento, o que isto trará para a família, absolutamente todos estes fatores fazem “do sofrimento uma experiência de reconhecimento intersubjetivo” (FREUD, 1930/1996, p. 19).

A forma de lidar com sofrimento se diferem porque tem uma experiência coletiva histórica e cultural, a linguagem se dá em sua maioria no campo da oralidade, a cultura tem tradições que incorporam a etnicidade de seu povo.

Importante salientar que da mesma forma que Dunker utiliza-se da psicanálise para fazer o que ele mesmo chama de um diagnóstico do Brasil atual, a leitura psicanalítica do contexto da pandemia no País nos permite um diagnóstico, não clínico, mas social das diferentes formas de sofrimento experimentadas historicamente pelos povos originários e profundamente agravadas pela negligência do Estado Brasileiro no combate à COVID-19.

Sufrimento e os Povos Indígenas

Diante de uma pandemia como o coronavírus esta população foi exposta a morte e ao sofrimento de maneira rápida e reviveu em seu amago a história já ocorrida no processo de colonização, com doenças como sarampo e a varíola, trazida por colonizadores entre 1562 e 1564 que: “[...] Assolaram as aldeias da Bahia fizeram os índios morrerem tanto de doenças quanto de fome, a tal ponto que os sobreviventes preferiram venderem-se como escravos que morrer à míngua” (CUNHA, 1992, p. 13).

Os recursos utilizados para a busca da cura não se diferenciaram das demais epidemias enfrentadas por estes povos, os Xavantes, por exemplo, “[...] valorizam muito os mitos e seus ensinamentos, é disso que vem o poder para afastar as enfermidades, segundo as informações dos anciãos das aldeias” (TSI’RUA’A, 2012, p. 22). É através da cura da natureza que os indígenas Xavante buscaram curar seu povo de COVID-19, porém se fez necessário buscar os órgãos de saúde nos centros urbanos como o DSEI Xavante (Distrito Sanitário Especial Indígena), a Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena) e o hospital municipal em casos mais graves como o de Hilário Predzawe. Porém mediante o insuficiente conhecimento científico a respeito do coronavírus, e diante de tantas mortes, a busca pela medicina dos brancos nos grandes centros urbanos se tornou temerária por parte dos indígenas e o medo provocado pelo afastamento de seu espaço físico de origem só aumentou.

Uma informação importante sobre o povo Xavante é referente a sua heterogeneidade, apesar de serem colocados aqui como o povo Xavante, é importante não confundir respeito de uma homogeneidade do povo Xavante enquanto cultura, de forma a achar que são únicos com uma história única.

O povo Xavante é essencialmente um povo livre e independente. Não admite superiores ou dependência de outras aldeias. Eles querem que cada cacique cuide de sua própria comunidade e não de outra aldeia. Um cacique de uma aldeia não é superior em outra aldeia. Esse foi um fator que, em nossa observação contribuiu muito para sua sobrevivência durante os últimos duzentos anos. Os Xavante se autodenominam de A’uwe uptabi. Povo Autêntico, povo verdadeiro (GIACCARIA; HEIDE, 1984, p. 13).

Talvez ainda se pergunte se é possível relacionar a diagnóstica com o sofrimento dos povos originários e qual a real importância disto? O psicanalista Cristian Dunker apresenta ainda o conceito *forma de vida* como uma “recontextualização da diagnóstica psicanalítica” e que poderia, no uso da psicanálise como linguagem, ser entendida como uma forma de leitura do sofrimento dos povos indígenas, pois que se a diagnóstica clínica é uma diagnóstica que diz respeito ao sintoma, a forma de vida “[...] diagnóstica das patologias do social deve, necessariamente, incluir estas duas outras vicissitudes de uma forma de vida: o sofrimento e o mal-estar” (DUNKER, p. 192).

Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima (2019) apresentam uma matriz filosófica amazônica que trata da “natureza relacional dos seres e da composição com o mundo”, trazendo o conceito do perspectivismo ameríndio, que pode nos ajudar a compreender melhor a subjetivação dos povos indígenas em relação a todos estes fatores causadores de sofrimento já citados no presente artigo.

De maneira geral, as etnografias sobre os povos ameríndios mostraram que as concepções indígenas estabelecem que na perspectiva indígena os seres são providos de alma reconhecem a si mesmos e àqueles a quem são aparentados como humanos, entretanto são percebidos por outros seres na forma de animais, espíritos ou modalidades de não humanos. Logo, a construção dessa humanidade compartilhada se efetiva pela construção dos corpos, o que significa dizer que a humanidade só é visível para aquele que compartilha um mesmo tipo de corpo ou também para os xamãs, pois são capazes de assumir a perspectiva de outros e vê-los como humanos (MACIEL, 2019).

O perspectivismo não é uma leitura de ponto fixo, apesar de ser única, ela é alterável, ela é adotada por um indivíduo e parte de uma construção de uma humanidade geral. Neste artigo por exemplo a perspectiva é de quem conviveu com um indígena Xavante que morreu de COVID-19 não apenas pela sua condição de infectado e comorbidades, mas pela negligência histórica do estado.

Sendo assim, no perspectivismo ameríndio advindo dos estudos com os povos ameríndios do alto do Xingu há a ideia de que só existe mundo para alguém, a animalidade que é para a nossa ciência moderna a condição entre humanos e animais, por pertencerem ao mesmo reino, não é a condição desta perspectiva, a condição compartilhada por humanos e animais é a humanidade, a “humanidade à qual o perspectivismo ameríndio se refere não é a da noção de

espécie humana [*humankind*], mas a da condição reflexiva de sujeito [*humanity*]” (MACIEL, 2019, p. 18).

Buscando algo na própria psicanálise para compreender o animismo, Freud em sua obra Totem e Tabu, teoriza sobre o termo, “[...] no sentido mais estrito, animismo é a doutrina das almas, no sentido mais amplo, a dos espíritos em geral”. Este termo que surgiu da percepção singular da concepção de mundo e da natureza de quem ele denomina “povos primitivos”, sejam eles os “históricos” ou os que ainda vivem: Eles povoam o mundo com inúmeros seres espirituais que lhes são benévolos ou malignos; veem nesses espíritos e demônios as causas dos processos naturais e acreditam que não apenas os animais e plantas, mas também as coisas inanimadas são animadas por eles (FREUD, 1912-1914, p. 80).

Logo este perspectivismo ameríndio nos dá uma breve noção de como os indígenas encaram a relação com os demais seres a sua volta, e nos permite refletir sobre o impacto que uma relação tão profunda quanto está com a natureza, os animais e as coisas, quando abalada e destruída de maneira cruel e proposital, pode causar muito sofrimento a estes povos.

O ano de 2020 foi um ano que marcará a história, principalmente quanto às descobertas, erros e aprendizados na área da saúde. Mas não marcará a história apenas pela sua condição atípica de pandemia, e agora dizendo exclusivamente do Brasil, pois enquanto cidadãos brasileiros esta reflexão se faz necessária, mas por tantas experiências ambientais, políticas, educativas, pedagógicas, que foram construídas coletivamente, historicamente. Como ressaltou Krenak, pensador indígena contemporâneo: “[...] essa dor talvez ajude as pessoas a responder se somos de fato uma humanidade” em sua obra sobre a crise humanitária vivida nesta pandemia. Desafiando a nossa capacidade de sobrevivência ao nos isolar de relações sociais, de afetividade, de cooperação, nos mostrando o sentido da vida e de que forma a Terra está suportando a nossa demanda. Apenas quem viveu este período pandêmico será capaz de ilustrar à luz do conhecimento o que ocorreu, para as gerações futuras (KRENAK, 2020, p. 5).

Que possamos captar a complexidade deste ano em sua dimensão ontológica, elevar a discussão sobre o sofrimento, principalmente de um povo tão marcado pelo genocídio e etnocídio, entendendo aqui a definição do termo como “[...] a destruição da cultura do outro”. Para Clastres (2004) “a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição” (CLASTRES, 2004, p. 83).

Esboçando Conclusões

Como vimos na perspectiva de lugar de fala da cultura dos não indígenas a qual se aplica historicamente a teoria de Freud, a ideia de sofrimento que urge de uma comunidade não indígena, é posta aqui para fazer a leitura de sofrimento para as comunidades indígenas. E a partir da leitura de textos sobre o povo Xavante foi possível conceituar sofrimento partindo deste campo teórico abrindo-se as possibilidades de outras reflexões como o incentivo a luta e a resistência, o combate a esta postura ainda muito presente no Brasil de perseguição, de não reconhecimento, da falta de respeito e de desprezo com os povos originários. A questão do quanto a perda da terra ainda pode causar sofrimento a estes povos, restringindo suas possibilidades e levando-os a morte.

Esse artigo teve como objetivo apresentar a respeito deste sofrimento numa dimensão mais ampla e estrutural quanto aos fatores ocasionados no ano de 2020, agravaram a condição de sofrimento dos povos originários, seres que criam outros meios de subjetivação em relação a vida. Há neste povo uma enorme preocupação com seu “espaço-casa”, porque já não vivem apenas a concretude da vida, acessam suas raízes e porões e também as experiências de imaginação do sôtão dita por Bachelard (2003).

Sem a intenção de explanar todas as formas de sofrimento possível de um povo marcado pelo etnocídio, mostramos a relação do sofrimento, mal-estar e sintoma, apresentado por Freud e teorizado por Dunker sob a luz da psicanálise, pensando a partir da forma de vida destes povos. E também como eles vêm sendo vilipendiados e negligenciados desde a chegada dos colonizadores e principalmente nos dias atuais sobre a força de um governo que tende ao totalitarismo e não toma medidas minimamente necessárias no combate a pandemia de COVID-19.

Por isso se faz necessário discutir fundamentalmente os direitos dos indígenas reprovando esta violência histórica, transformando a injustiça, para que os mesmos reestabeçam sua dignidade, sua alegria, respeitando as suas formas simbólicas e materiais de sobrevivência. Por fim, entendendo que indígenas são um povo com passado, presente e, principalmente, futuro, então, cabe-nos dar-lhes visibilidade, voz e direitos para que possam continuar na sua cultura e modos de vida.

REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA, 2020. *Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês*. Disponível em: <https://amazonia.org.br/2020/06/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes/>

Dorany Mendes ROSA; Amone Inacia ALVES. O Sofrimento do Povo A'uwe-Xavante na Pandemia COVID-19. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br. 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 31. V. 4. Págs. 82-95.

APIB, 2020. *Relatório Nossa Luta é pela Vida*. Disponível em: <https://emergenciaindigena.apiboficial.org/files/2020/12/APIB_nossalutaepela vida_v7PT.pdf>

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL, AGÊNCIA. *Fogo já destruiu 3,461 milhões de hectares do Pantanal. Número de focos de calor em todo o bioma é o maior desde 1998*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-10/fogo-ja-destruiu-3461-milhoes-de-hectares-do-pantanal>

BRASIL, AGÊNCIA. *OMS: indígenas estão particularmente em risco por causa da covid-19. Para a organização, risco deve-se às condições de vida precárias*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-07/oms-indigenas-estao-particularmente-em-risco-por-causa-da-covid-19>

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense; Universidade de São Paulo, 1986.

_____. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CASSEL, J., 1974. *An epidemiological perspective of psychosocial factors in disease etiology*. *American Journal of Medicine*, 64:1040-1043. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1775654/pdf/amjph00811-0014.pdf>>

DUNKER, Christian Ingo Lenz.. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

FREUD, S. (1996). *O mal-estar na civilização*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

FREUD, S. 1912-1914. *Totem e tabu*. In Obras completas, volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

GIACCARIA, Bartolomeu e HEIDE, Adalberto. *Xavante (A'uwe uptabi: Povo Autêntico)* São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1984, p. 318.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MACIEL, Lucas da Costa. 2019. "Perspectivismo ameríndio". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/percspectivismo-amer%3%ADndio>>

MACHADO, Márcia; NETO, Odilon Rodrigues de Moraes [organizadores]. *Educação escolar e ciências humanas: culturas e histórias dos povos indígenas*. Fortaleza: Expressão. Gráfica e Editora, 2016.

Dorany Mendes ROSA; Amone Inacia ALVES. O Sofrimento do Povo A'uwe-Xavante na Pandemia COVID-19. JNT- Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2021. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br. 2021. Dezembro. Dossiê Temático: Educação Indígena. Ed. 31. V. 4. Págs. 82-95.

_____. CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018. *Revista Espacialidades* [online]. 2019.1, v. 15, n. 1.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral. In: *Nietzsche. Obras Incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 51-60. (Os pensadores).

VEIGA-NETO, Alfredo. *É preciso ir aos porões*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v.17, n.50, p.267-492, maio/ago. 2012.

OVIDEO, Rafael Antônio Malagón e CZERESNIA, Dina. *O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial*. Botucatu: Interface, 2014.

REAL, AMAZÔNIA, 2020. *Indígenas Xavante são os mais atingidos pela Covid-19 no Mato Grosso*. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/indigenas-xavante-sao-os-mais-atingidos-pela-covid-19-no-mato-grosso/>

TSI'RUI'A, Aquilino Tseré'ubu'õ. *A sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante/ Aquilino Tseré'ubu'õ Tsi'rui'a; orientação, Neimar Machado de Sousa; co-orientador Antonio Hilário Aguilera Urquiza, 2012. Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.*